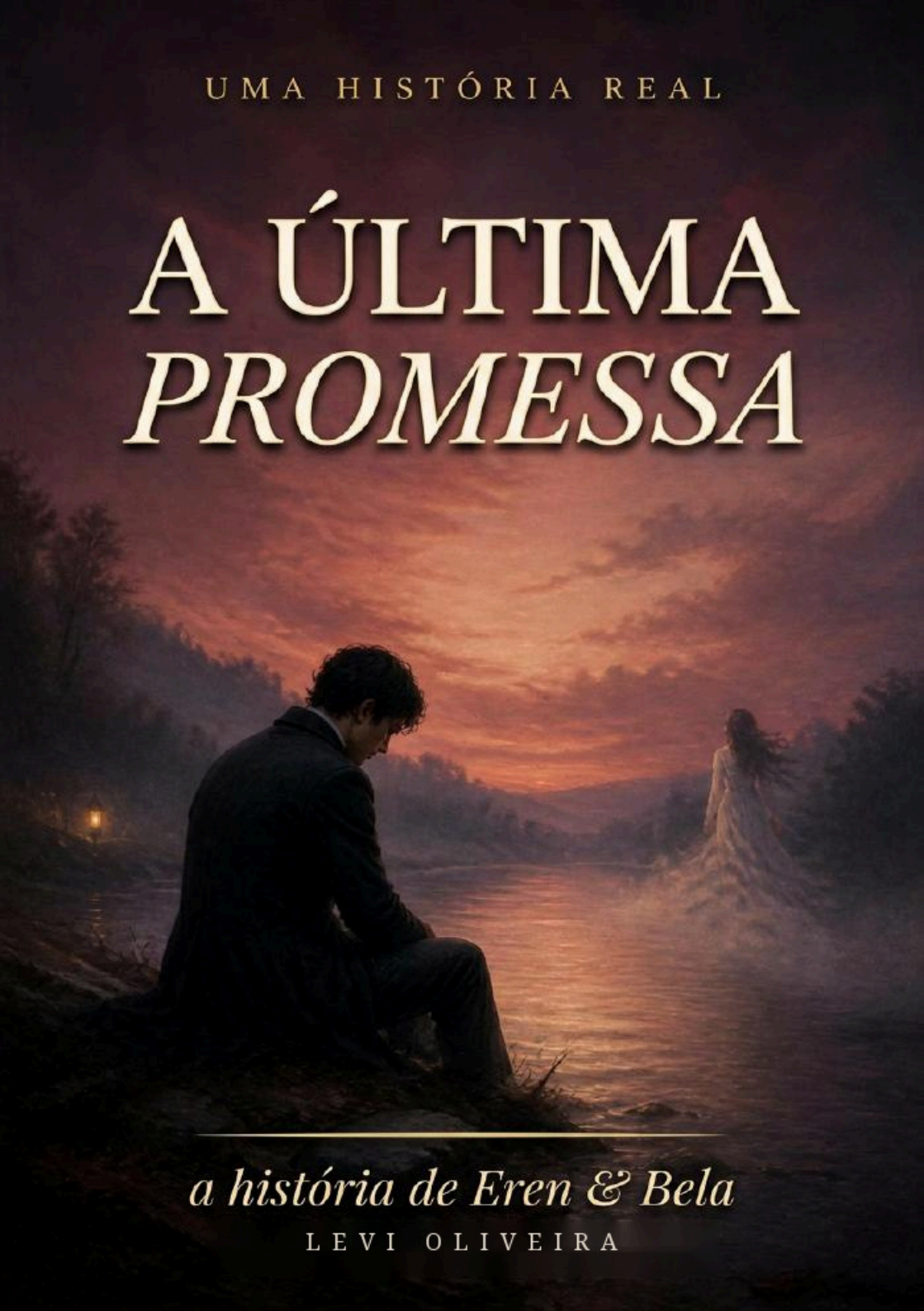


UMA HISTÓRIA REAL

A ÚLTIMA PROMESSA

The background of the cover is a painting. In the foreground, a man with dark, curly hair, wearing a dark suit, sits on a rocky bank, looking down. In the middle ground, across a body of water, a woman in a long, flowing white dress stands with her back to the viewer, looking towards the horizon. The sky is a dramatic mix of orange, red, and purple, suggesting a sunset or sunrise. The water reflects the colors of the sky. The overall mood is somber and romantic.

a história de Eren & Bela

LEVI OLIVEIRA

A Última Promessa

A história real de Eren e Bela

Levi Oliveira

DEDICATÓRIA

*Para quem amou em silêncio e escolheu a dor do outro
acima da própria felicidade.*

Capítulos

- 01 A Sombra na Infância
- 02 A Perda
- 03 A Vila e o Não
- 04 A Arma Era a Mente
- 05 A Música e a Inveja
- 06 A Voz no Sonho
- 07 O Encontro
- 08 Mãos Dadas
- 09 Dois Fãs, Um Amor
- 10 A Ligação
- 11 O Segredo
- 12 A Escolha Que Doeu
- 13 À Beira do Rio
- 14 As Paranoias
- 15 A Fuga Que Não Foi Fuga
- 16 A Culpa Dela, a Gratidão Dele
- 17 O Que Ele Sabe a Mais
- 18 A Última Promessa

A Sombra na Infância

“Havia algo dentro de casa que ninguém via — mas todos sabiam de onde tinha vindo.”

Antes dos dez anos, Eren já conhecia o peso do medo. Seu pai, dominado pelo álcool, trazia para dentro de casa uma escuridão que não tinha forma, mas tinha cheiro, voz e passos pesados pelos corredores.

As noites do menino eram longas. Ele acordava em pânico, suando, com a certeza de que algo o observava no escuro. Não era seu pai. Era algo maior, atraído pelo caos que o pai gerava — uma sombra que os adultos chamariam de demônio, e que ele, criança, simplesmente sentia.

Foi nessas noites mal dormidas que despertou nele aquilo que os crentes chamam de visão espiritual. Ele ainda não a dominava, mas via. Via o que tomava conta da casa, via o que se escondia atrás das pessoas, via o que ninguém mais queria enxergar.

E, ainda assim, ele amava o pai. Admirava sua força, sua presença, o jeito de não recuar diante do mundo. Mesmo tão pequeno, Eren já tinha o olhar afiado: sabia separar, no homem, o que era útil daquilo que destruía. Admirava o aço, não o veneno.

Em silêncio, prometeu a si mesmo: ‘Não serei como ele no que fere. Mas naquilo que ele teve de bom, serei mil vezes melhor. E naquilo que ele nunca foi, serei tudo o que ele não conseguiu ser.’

A Perda

“Três dias de silêncio. E depois, o mundo parou.”

Aos dez anos, Eren perdeu o pai num acidente. Foram três dias de tensão, de telefones que não tocavam com boas notícias, de portas abertas esperando por alguém que não voltaria. Todos já esperavam o pior, mas ninguém estava preparado para ouvi-lo dito em voz alta.

Quando a notícia veio, o coração da criança entrou em colapso. Não pensou em si. Pensou na força que a casa tinha acabado de perder — o homem que, mesmo no meio do caos, sustentava aquele teto.

Eren sofreu com a intensidade de quem ainda não aprendeu a se defender da dor. Chorou até dormir. E quando acordou, na manhã seguinte, olhou ao redor e entendeu, sem que ninguém precisasse dizer, que agora era ele.

A mãe estava afundada em depressão. As duas irmãs eram pequenas demais para compreender o tamanho do que tinha acontecido. Só restava ele — um menino de dez anos, observador, inteligente, e completamente sozinho diante do que precisava ser feito.

Aos dez anos, começou a trabalhar no que o pai havia deixado para trás. Ali, naquele dia, a infância dele terminou. Não houve aviso. Não houve cerimônia. Apenas a pressão constante de uma responsabilidade que não era sua, mas que ele precisava carregar para que todos continuassem de pé.

A Vila e o Não

“Aprendeu cedo que nem toda mão estendida quer ajudar.”

Aos doze anos, Eren se mudou para a vila onde moravam os avós, pais de seu pai. Pessoas que reparavam que o menino, além de lembrar muito o filho que tinham perdido, era assustadoramente inteligente. Aprendia qualquer coisa com uma facilidade que deixava adultos de queixo caído.

Os parentes começaram a oferecer. Prometiam coisas, faziam acordos, davam a entender que, se ele ficasse, teria tudo o que precisasse. Mas Eren enxergava através das palavras. Percebeu, em pouco tempo, que não queriam o menino — queriam o talento.

Disse não. Disse não com a firmeza de quem já tinha visto demais para confiar em promessas fáceis. Não queria ser preso a ninguém. Não queria ser escravo de nada nem de pessoa alguma.

Foi ali, ainda muito jovem, que começou a perceber as maldades silenciosas do mundo adulto. E, com medo de um dia cair nas mãos de quem quisesse usá-lo, começou a se proteger do único jeito que sabia: aprendendo.

A Arma Era a Mente

“‘Como ele sabe o que eu tenho que fazer, se nunca tentou?’”

Aos doze anos, Eren foi tomado por uma sede enorme de conhecimento. Estudava a história da humanidade, lia sobre o mundo, observava as pessoas como quem decifra um idioma antigo. Tudo o que pudesse ser estudado para sobreviver àquilo que ele já chamava de ‘mundo de ilusão’, ele estudava.

Foi assim que descobriu a única arma que de fato lhe pertencia: a própria mente. Aprendia rápido demais. Fácil demais. E percebeu que podia mais — sempre podia mais.

Mas a ansiedade não o deixava. A depressão também não. Por dentro, ele era um campo de batalha; por fora, um menino que aprendeu a dizer não a todos que queriam moldá-lo.

Por causa desses ‘nãos’, muita gente passou a odiá-lo. Ainda hoje odeiam. E ele entendeu cedo o motivo: as pessoas se irritam com aquilo que não conseguem controlar. Adultos mandando em filhos, mestres mandando em discípulos — todos dizendo o que se deve ou não se deve fazer, sem nunca terem feito.

O lema dele era um só: liberdade. ‘Como ele sabe o que eu tenho que fazer, se nunca tentou? Por que aconselham apenas dentro do que já é seguro? Eu preciso ter minhas próprias ideias. Preciso viver do meu jeito, e não do jeito que querem que eu viva.’

A mãe nunca o prendeu. Nunca impediu nada — certo ou errado. Ela já sabia do que o filho era capaz. Tinha visto, aos doze anos, aquele menino resolver coisas que só adultos deveriam resolver.

A Música e a Inveja

“Brilhou tanto que precisou aprender a se apagar.”

Aos dez anos, começou as aulas de música. Aos treze, já era conhecido na região como um excelente músico. Cantava bem. Tocava bem. E, por isso mesmo, era invejado.

Incomodava os da sua idade. Incomodava os mais velhos. Há algo no talento de um jovem que costuma desconfortar quem nunca ousou tentar.

Por volta dos quinze anos, Eren percebeu que aparecer demais estava lhe custando caro. Cada vez que brilhava, ganhava um inimigo novo — sem ter feito nada, sem ter querido nada. Então fez o que parecia mais sábio: começou a esconder. Escondeu o talento musical, o talento físico, o talento da mente.

Sem amigos. Sozinho. Destruído por dores, por traumas, por solidão e pela pressão que carregava desde criança, Eren começou a rezar. E rezava de um jeito específico.

Pedia um amor. Não um amor qualquer. Pedia o cabelo, o corpo, o tom de voz, o olhar, o jeito. Pedia até a forma como queria ser tratado — não por controle, mas porque sabia, com uma certeza estranha, que apenas aquela forma específica o salvaria da dor que carregava.

Os anos passaram. Quinze. Dezesseis. Dezessete. Dezoito. E, em algum momento entre uma oração e outra, ele desistiu. Aceitou que talvez ninguém viesse. Aceitou que talvez tivesse que aprender a viver sem ser amado.

A Voz no Sonho

“Ele a reconheceu antes mesmo de ouvi-la por inteiro.”

Foi aos dezoito anos, numa noite qualquer, num evento qualquer, que tudo mudou.

Inesperadamente, uma voz cortou o ar. Eren parou. Ele já tinha ouvido aquela voz — em sonho. Caminhou até o som, e quando seus olhos a encontraram, lacrimejaram sem aviso. O coração começou a bater de um jeito que ele nunca tinha sentido: forte, calmo e feliz ao mesmo tempo.

Era ela. Exatamente como nos sonhos. Exatamente como em todas as orações. O cabelo, o corpo, o jeito de se vestir, o olhar, a voz. Cada detalhe que ele havia pedido em silêncio, durante anos, estava ali, em pé na sua frente.

Ele não foi falar. Não conseguiria. Apenas observou e, depois, foi atrás de informações. Um colega disse onde ela estudava. Era a mesma escola dele, mas em outro turno.

Eren mudou de turno. Entre tantas turmas, tantas salas, ele acabou caindo exatamente na dela — sem saber. O destino, ou seja lá o nome que se dê a isso, parecia estar fazendo a parte que faltava.

Ele já sabia o nome dela: Bela. Quando o professor fez a chamada e o nome foi dito em voz alta, Eren sentiu o ar parar. Podia ser homônima. Podia ser coincidência. Mas, no fundo, ele sabia que não era.

O Encontro

“Ela cantou. Ele tocou. E o mundo, por um momento, fez sentido.”

Naquele primeiro dia, ela não foi à aula. Mas no dia seguinte, antes mesmo de entrar na sala, Eren sentiu uma presença. Como ele sentiu? Ninguém sabe. Nem mesmo a ciência conseguiu mapear até onde vai a mente humana. Mas ele sentia, e sentia bem. Sua capacidade de captar presenças sempre foi fora do comum — só que ele nunca contou a ninguém. Neste mundo, pessoas assim são chamadas de loucas.

Ele entrou na sala. Ela estava lá. E, a partir daquele instante, seus olhos não conseguiram mais ver outra pessoa.

Por algum motivo, ela já sabia que ele a procurava. Naquele dia, Bela havia levado um violão — era um hobby dela. Sabia que ele era músico e, sem rodeios, ofereceu o instrumento. Foi assim o primeiro contato: ele tocou, ela cantou.

E ali, com os acordes ainda vibrando no ar, Eren teve certeza. Era ela. A pessoa de todas as orações. A voz de todos os sonhos. Aquele dia ficou marcado para os dois — embora nenhum dos dois ainda soubesse o tamanho do que estava começando.

Mãos Dadas

“Como você sabe de tudo isso?” — ela perguntou, em lágrimas.”

Começaram a conversar. Ela parecia mal. Ele não perguntou o motivo. Apenas observou. Era assim que ele entendia o mundo — observando.

Em poucos minutos, sem ela dizer uma palavra, ele já tinha percebido tudo o que a incomodava. Aproximou-se e contou, em voz baixa, o que via dentro dela.

Ela confirmou. E, em lágrimas, segurou a mão dele com força. ‘Como você sabe de tudo isso?’, perguntou. Ele não respondeu. Apenas observava. Tudo o que ela vivia, ele já tinha enxergado.

Então foi a vez dela contar. Falou da infância, e ele viu, em silêncio, os traumas que ela carregava. Bela também havia perdido o pai. Também tinha crescido com medo — medo do toque do outro, medo do mundo, medo o tempo todo.

Eren apertou a mão dela e fez uma promessa: ‘Nunca mais ninguém vai te machucar.’

Ela contou também que, por causa da ansiedade, desmaiava com frequência, às vezes em plena sala de aula. Ele prometeu, ali, que, a partir daquele dia, cuidaria dela em todos esses momentos. E cumpriu. Cumpriu cada vez. Quando ela caía, era ele quem a amparava. Quando ela acordava chorando, era ele quem estava ali.

Numa dessas vezes, ainda meio inconsciente, ela chorava muito. Ele a abraçou — e, ao tocá-la, sentiu a dor dela passar para dentro dele. Lágrimas caíram dos olhos dos dois ao mesmo tempo, sem que ela soubesse ainda que era ele quem a segurava.

Sempre que se sentia mal, ela ia para perto dele. Sabia, com uma confiança que ela mesma não sabia explicar, que ali estaria protegida.

Dois Fãs, Um Amor

“Ele era o fã número um dela. Ela, o fã número um dele.”

Eren nunca tinha tido amigos na escola. Era, sem exagero, o melhor aluno — mas escondia tudo. Escondia talentos, escondia notas, escondia a mente. De todos. Menos dela.

Para Bela, ele nunca escondeu nada. Nem da vida, nem das dores, nem dos dons. E ela o admirava por inteiro — inclusive pelas feridas.

Como músico, ela era a fã número um dele. Admirava os olhos dele, o cabelo, o jeito de fazer as coisas, o jeito de existir. Da mesma forma, ele era o fã número um dela. Admirava cada gesto, cada palavra, cada silêncio.

Nunca se viu duas pessoas se admirarem tanto assim. Sem perceber, já estavam apaixonados. Ele cuidava dela de um jeito único; ela cuidava dele do jeitinho exato com que ele sempre tinha sonhado — sem que ele precisasse pedir.

Ela o abraçava, e no abraço ele entendia o tamanho da confiança que recebia. Nem sabia que era possível ser amado daquele jeito. Tão inteiro. Tão sem ruído.

A Ligação

“Encerraram a chamada rindo, como se a dor nunca tivesse existido.”

Numa noite, Eren estava lendo quando o telefone tocou. Era Bela, chorando muito. Soluçava de um jeito que cortava o ar.

Ele não perguntou o que tinha acontecido. Já sentia. Apenas falou. E foi falando, e foi acalmando, até a respiração dela voltar ao ritmo normal.

No fim da ligação, os dois disseram ‘eu te amo’. Encerraram a chamada rindo, como se a dor nunca tivesse existido.

Foi depois daquela noite que Eren entendeu, com mais clareza ainda, o tamanho da confiança que ela depositava nele. E foi naquele mesmo instante que ele começou a planejar o futuro dos dois. Em silêncio. Em detalhes. Tudo pronto, tudo em execução.

Com Bela, a vida dele ficou leve. Os problemas, que antes pareciam montanhas, viraram pedras pequenas no caminho. Ele ria com sinceridade — talvez pela primeira vez. Começou a buscar ser uma pessoa melhor em tudo, mais habilidosa em tudo, simplesmente para ser alguém digno dela. Para protegê-la. Para cuidá-la.

Antes, ele acordava desmotivado, triste, com o peito pesado. Agora, acordava leve. Motivado. Como se o mundo, finalmente, tivesse motivo.

O Segredo

“Ela não contou. Mas ele descobriu — como sempre descobria tudo.”

Havia algo no ar. Eren sentia. E, como a vida sempre tinha sido cruel com ele, o que estava no ar era exatamente o que ele temia.

Bela já tinha um compromisso. Namorava. Estava prestes a se casar.

Por que ela não contou? Não conseguia. Não queria perdê-lo. Sabia o que poderia acontecer. Mas era o Eren — e ele descobriu sem precisar que ela dissesse uma palavra.

Ela confessou. Explicou o porquê do silêncio. Esperou que ele a odiasse.

Ele a odiou? Nem por um segundo. O que se passou na cabeça dele foi outra pergunta, muito mais dolorida: ‘Por quê, destino? Por quê, Deus? Essa é a pessoa que eu pedi a vida inteira. Ela apareceu. Por que não podemos ficar juntos?’

Decidiram, então, se afastar. Pelo bem dos dois. Pelo bem do futuro de ambos. Mas quem disse que o amor deixou que se afastassem?

A Escolha Que Doe

“Preferiu enfrentar o caos sozinho a vê-la sofrer de novo.”

Continuaram conversando. Algo já era estranho, mas continuaram. Ela dizia que queria tê-lo conhecido antes. Pensava em largar tudo e sumir com ele.

Eren podia, facilmente, ter se aproveitado daquilo. Bastava convencê-la. Bastava insistir. E os dois ficariam juntos.

Mas os dois carregavam princípios. Largar um compromisso firmado diante de Deus por outro era, para eles, pecado. E havia consequências.

Eren passou noites planejando. Como falaria com ela. Como tudo daria certo. O plano funcionaria — disso ele tinha certeza. Conhecia outros casos. Pessoas que largaram tudo para viver um amor novo. Mas Eren via além: via, em cada caso, as consequências dos dois lados.

De um lado, ele se via sozinho, mergulhado num caos muito maior do que qualquer um que já tivesse vivido — e ainda assim, sem ela. Ela casada, vivendo o que já havia planejado.

Do outro lado, ele os via juntos — mas via também o sofrimento que viria. Via Bela chorando por causa da escolha. Via o peso caindo sobre ela.

E ele não suportava mais a ideia de vê-la sofrer. Muito menos por causa de uma escolha que ele tinha feito. Tinha medo. Medo enorme de obrigá-la a enfrentar aquilo ao lado dele.

Então tomou a decisão mais dolorosa da vida: preferiu enfrentar o caos sozinho a vê-la sofrer de novo. Calou-se. Não falou. Deixou que ela seguisse com o que já estava planejado.

Ela também pensou em viver com ele. Tentou. Mas ele não permitiu que ela pensasse assim. Fez tudo para protegê-la — inclusive de si mesmo.

À Beira do Rio

“Naquela noite, algo morreu dentro dele para sempre.”

No dia do casamento, ele a viu de branco. Estava linda. Mas quem estava ao lado dela, no altar, não era ele.

Assistiu a tudo. Cada palavra. Cada gesto. Quando terminou, a ficha caiu por inteiro: tinha perdido. Tinha perdido tudo.

As mãos começaram a tremer. O coração batia forte demais. Sem rumo, caminhou até a beira do rio — aquele lugar onde gostava de ir quando não se sentia bem.

Sentou na margem. A água passava devagar, indiferente. E ele começou a lembrar. Lembrou da infância. Do pai. Das orações. Dos sonhos com a voz dela. Do primeiro acorde tocado para ela. Da primeira mão segurada. Do ‘eu te amo’ no fim da ligação.

E foi ali que veio o choro. Não foi um choro comum de perda. Foi um choro que parecia subir da alma. Gritou. Socou o chão com raiva. Não raiva dela — jamais raiva dela. Raiva do destino, raiva de ter perdido aquilo que, um dia, o tinha salvado do caos.

As mãos sangravam. Ele gritava. E, em algum momento daquela noite, alguma coisa dentro dele morreu. Para sempre.

Voltou para casa de madrugada, andando como bêbado, fora de si. Quando acordou, não estava na cama. Estava no chão. Por alguns minutos, não lembrou de nada. Depois, lembrou. E voltou a chorar e a gritar.

As Paranoias

“A via diante de si — e não podia tocá-la.”

À noite, em meio às crises de ansiedade, vieram as paranoias. Eren a via diante de si. Estendia a mão para tocá-la, e a mão atravessava o vazio.

Sua visão espiritual, antes contida, voltou com força. Voltou a ver o que sempre o atormentou na infância — só que agora, sem ninguém para se esconder atrás.

Abraçava um objeto que tinha ganhado dela de presente. Abraçava como quem se sente protegido. Era a única coisa que ainda restava dela em suas mãos.

Mas a agonia não estava nisso. A agonia estava em vê-la — e não poder tocá-la. Não poder falar com ela. Não poder abraçá-la. Isso, sim, doía.

A vida nunca mais foi a mesma. Tudo ficou mais pesado. Os problemas pareciam mil vezes maiores. Por mais que tentasse, ele não conseguia mais ser quem tinha sido. A raiva, a dor, a solidão e a injustiça tomavam conta dele — ao ponto de, às vezes, ele perder o controle e quebrar o que estivesse por perto.

Já não era mais aquele garoto incrível. No olhar dele, agora, havia raiva e dor ao mesmo tempo, visíveis para qualquer um que prestasse atenção.

A Fuga Que Não Foi Fuga

“Mudou de estado. Mas o coração ficou onde sempre esteve.”

Decidiu ir embora. Mudou de estado. Queria fugir do amor — porque vê-la doía, e até a possibilidade de vê-la já doía.

Mas não adiantou. Sonhava com ela. Sempre que alguém tentava se aproximar, era dela que ele lembrava. Não conseguia esbanjar sentimento por mais ninguém. E, quando tentava — só para tentar esquecer —, a própria mente e o próprio coração o bloqueavam, como se aquele órgão pertencesse exclusivamente a ela.

Foi nessa época que ele entendeu uma coisa: naquela noite, à beira do rio, uma parte dele tinha ficado lá. E aquela parte nunca mais voltaria.

Acabou tendo que voltar para o mesmo lugar onde ela morava. Mas já não era mais o mesmo. Passou-se um ano. Ele continuava amando do mesmo jeito. Isso não mudou nada.

Ela, porém, vivia outra vida. Já era uma mulher cheia de responsabilidades, casada, grávida. Eren ficou feliz por ela. Tocou a barriga, abençoou — mesmo aquela criança não sendo dele. Sabia, com uma certeza estranha, que aquela criança a salvaria de muita coisa.

Cortou o cabelo que ela tanto admirava. Parou de fazer tudo o que ela achava lindo nele. Os olhos que ela amava já estavam cansados, cheios de dor. Já não tinham o brilho de antes.

A Culpa Dela, a Gratidão Dele

“Eu te agradeço por um dia ter me feito feliz.”

Mesmo depois de meses, depois de mais de um ano, Bela ainda entrava em contato. Queria saber como ele estava. Dizia, em palavras curtas e cuidadosas, que se sentia culpada por tudo o que ele tinha passado — e ainda passava.

Mas Eren nunca a culpou. Nem por um segundo. Pelo contrário: agradecia. Agradecia por ela um dia ter aparecido. Agradecia por ela tê-lo feito feliz. Agradecia por tê-lo salvado, mesmo que por pouco tempo, de tudo o que ele carregava.

Hoje ele vive sozinho. Vive sem sonhos, mas com suas responsabilidades. As pessoas não conseguem ter acesso a ele. O coração continua amando a mesma pessoa de tempos atrás. Ele sente falta dela todos os dias.

Canta sozinho para ela. Criou músicas sobre os dois — músicas que ela nunca vai ouvir. Está frio. Nunca mais chorou. Nunca mais tentou ter algo com ninguém. Isso, para ele, virou bobagem.

Quando falam de amor diante dele, sente uma certa agonia. Quando alguém é carinhoso com ele, sente quase um nojo. Mas quando pensa nela, se emociona — e sente, de novo, o amor que um dia ela lhe deu.

O Que Ele Sabe a Mais

“Arrepende-se de ter buscado tanto conhecimento.”

Foi traído por gente que se dizia amiga. Foi deixado de lado, excluído. Ninguém nunca o ajudou a conquistar nada. É considerado ignorante e mal-educado por muitos — porque não sabem que aquilo é cansaço, é dor antiga, é desistência educada.

Hoje, com vinte anos, é muito mais inteligente do que era antes. Descobriu, sobre o mundo, coisas que uma pessoa comum não suportaria saber.

Arrepende-se de um dia ter buscado tanto conhecimento. Porque hoje sabe demais. Não sabe tudo — mas sabe o suficiente para não conseguir mais viver em paz. Ele se recusa a viver dentro de qualquer ilusão. E é por isso que não encontra descanso.

Ele se arrepende, também, de não ter tomado a outra decisão. De não ter lutado por ela. Mas já não há mais nada a fazer.

Não conta essa história a ninguém. Para ele, só quem viveu exatamente isso seria capaz de entender. E ele sabe que isso, quase ninguém viveu.

A Última Promessa

“‘Enquanto ela estiver viva, eu também me mantenho vivo — por ela.’”

Ele segue sozinho. Sem amigos. Sem amor. Mas precisa se manter firme, precisa se manter bem — caso ela um dia precise dele. É assim que ele pensa.

Ele afirma, com a calma de quem já não tem ilusão sobre nada: ‘Enquanto ela estiver viva, eu também me mantenho vivo. Por ela. E por mais ninguém.’

Mesmo sabendo que nunca mais ficarão juntos, ele se propõe a protegê-la — mesmo sem ela. E fico me perguntando: o quanto cabe num amor assim? Nunca saberemos.

Ele já não consegue ter sonhos. Não sente mais nada por mais ninguém. Mas vive sua vida pronto, sempre pronto, caso ela precise. Sentimento, hoje, só se vê nele quando se trata dela.

E é assim que termina essa história: um amor que não pôde ser vivido, mas que vai durar a vida inteira.

Ela ainda o ama. Mas não podem.

EPÍLOGO

A história continua...

Mas fica para outra leitura.

A ÚLTIMA PROMESSA

Levi Oliveira